

## **Relatório de Estágio no jornal Correio da Manhã**

**Maria João Correia de Matos Almeida Carvalhas**

### **Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Março, 2013**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação  
científica de Professor Doutor Rui Zink.

## RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO JORNAL *CORREIO DA MANHÃ*

MARIA JOÃO CORREIA DE MATOS ALMEIDA CARVALHAS

### RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: revisão,

Este relatório resulta do trabalho realizado como revisora estagiária no jornal *Correio da Manhã* e apresenta uma reflexão sobre o seu tipo de escrita, mais concretamente alguns fenómenos linguísticos – Idiotismos, Preciosismos, Gerundismos, Barbarismos e Solecismos – que podem ser considerados “defeitos” de linguagem, mas que neste caso funcionam como uma vantagem, sendo que o registo da publicação é um dos factores que a torna tão popular.

### ABSTRACT

KEYWORDS: proofreading, linguistic features, language flaws, advantages, popularity

This report results from the internship as a proofreader in the daily paper *Correio da Manhã* and it concerns some observations regarding the its writting, such as some linguistic phenomena. This linguistic features are often considered to be language flaws, but in this instance they can work as advantages in order to reach its levels of popularity among the portuguese community.

## NOTA INTRODUTÓRIA

Terminada a componente lectiva do Mestrado em Edição de Texto existem três hipóteses de trabalho para completar esta fase do percurso académico: dissertação, trabalho de projecto ou estágio com relatório. Durante o período de aulas, foi dada primazia à vertente de edição no panorama literário. Assim, este estágio num meio de imprensa escrita foi essencial para compreender que existem algumas lacunas no plano curricular, pois não são abordados temas como a revisão editorial numa revista ou num jornal, bem como alguns factores que exigem uma preparação prévia como, por exemplo, quais os erros mais usuais, a relação pressão-tempo, os programas informáticos para revisão editorial, entre outros.

Surgiu a oportunidade de estagiar no jornal *Correio da Manhã*, uma publicação periódica gerida pelo grupo empresarial Cofina Media e um dos mais influentes na área de Comunicação. Depois do primeiro contacto, foi feita uma entrevista com o orientador externo, João Miranda (coordenador da equipa de revisão do jornal), na qual foram abordadas questões próprias de uma entrevista profissional e foi realizado um teste, no sentido de avaliar a capacidade de revisão.

O estágio teve início oficial no dia 28 de Outubro de 2012 e terminou a 30 de Janeiro do presente ano. A ideia de estagiar num jornal, com a percentagem de vendas como a do *Correio da Manhã*, parecia aliciante. Aprender diferentes tarefas, adquirir novas experiências e lidar com a pressão a curto prazo eram factores que iriam pôr à prova não só os conhecimentos apreendidos durante as aulas, como também a capacidade de resistência a novos desafios, alguns deles em áreas totalmente desconhecidas.

Deixando um pouco de lado estes aspectos básicos que acabam por ser idênticos em praticamente todas as situações de estágio, e como existia uma colega do mesmo mestrado a estagiar no mesmo local, foi estabelecido que o tema deste relatório se diferenciava de alguma forma. Assim, além de retratar situações comuns à revisão editorial do *Correio da Manhã*, e seguindo uma sugestão do orientador João Miranda, pensou-se que seria interessante fazer uma análise a alguns aspectos linguísticos da escrita jornalística desta publicação, que são importantes no universo

da edição textual, e que muitas vezes são esquecidos em prol de outras temáticas. São exemplo disso os vícios de linguagem que se tornaram o objecto principal de estudo neste trabalho. Entre eles, contam-se barbarismos, solecismos, ou preciosismos que acabam por ser adoptados sem serem, necessariamente, os mais adequados, e o seu uso torna-se prática corrente. Para tal, considera-se importante abordar alguns aspectos intrinsecamente ligados à área de sociolinguística, de forma a compreender o que se considera a norma (e se existe apenas uma), o que se pode entender como adequado ou não adequado (correcto ou incorrecto) e de que modo as características sociais influenciam todas estas problemáticas. O objectivo essencial deste trabalho é perceber a origem dos desvios linguísticos mencionados anteriormente e se, de alguma forma, põem em causa a estrutura do português enquanto língua ou se, simplesmente, fazem parte de um processo social que contribui para a evolução do mesmo.

Durante o período de estágio, o jornal adoptou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que tanta polémica tem causado em torno da estrutura da língua portuguesa e, como tal, irá ser abordado neste trabalho com o objectivo de demonstrar de que forma uma publicação com a dimensão e as características do *Correio de Manhã* lidou com esta mudança. O que mudou e o que se manteve? E o porquê dessas opções editoriais.

Assim, este relatório não é apenas um relato de uma experiência de trabalho, mas pretende também constituir uma reflexão pessoal acerca de questões específicas relacionadas com o tratamento textual, interligadas com o fenómeno da linguagem, tirando partido de algumas conclusões que resultaram de uma análise ao trabalho realizado e que teve como parte substancial o tema-base deste relatório: Vícios de linguagem no diário generalista *Correio da Manhã*: um estilo ou um desvio.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO JORNAL *CORREIO DA MANHÃ*

A maioria dos leitores diários é constituída por adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos, que pertencem a diferentes classes sociais<sup>1</sup>. O jornal foi criado em 1979, quando existia um nicho de mercado para tablóides e isso fez com que os seus fundadores (um grupo de empresários) estabelecessem como grande objectivo alcançar a liderança de vendas, feito que ainda hoje consegue atingir. Carlos Barbosa, um dos fundadores, afirma que o jornal foi criado para ser “popular” e não “popularucho” e, nos seus primeiros tempos de existência, assim o era. Hoje em dia, C. Barbosa considera que o *Correio da Manhã* se transformou num jornal “popularucho” e não “popular”<sup>2</sup>.

No mesmo artigo no site do *Público*, Octávio Ribeiro, o actual director, discorda da anterior perspectiva e defende que o perfil da publicação permanece igual, descrevendo-a como sendo “um jornal generalista, que privilegia a notícia e estabelece um elo de estreita confiança com os leitores.”. Para estabelecer esta relação de confiança é fundamental criar estratégias que permitam a identificação dos leitores com as notícias publicadas e para isso é importante ter em conta a forma como estas são redigidas. Considerando que se trata de um jornal sensacionalista, o estilo e o discurso são pautados por um registo coloquial, o que causou alguma estranheza durante o período de estágio, dado que as publicações estudadas ao longo do plano curricular do mestrado tratavam-se de obras literárias, comportando um estilo e um registo demasiado formais, baseados em normas cultas da língua portuguesa.

É o registo “popularucho” do jornal que faz com que este construa uma forte relação de proximidade com os leitores. A forma de escrever com recurso a construções linguísticas que são, por vezes, consideradas menos adequadas ou menos correctas é, de certo modo, o que torna o estilo do *Correio da Manhã* tão popular.

---

<sup>1</sup> Artigo de Agência Lusa disponível no endereço: <http://www.publico.pt/media/noticia/correio-da-manha-cumpre-30-anos-1369744>

<sup>2</sup> *Idem*

## 2. O PERÍODO DE ESTÁGIO

Este estágio ajudou a compreender a relevância da revisão editorial num contexto de *media* e o papel que desempenha uma equipa de revisão na redacção de um jornal. Os jornais são meios de comunicação que fazem parte do dia-a-dia da maioria das pessoas e são protagonistas tanto na difusão de notícias, ideias e novidades, como também contribuem para alterar (positiva ou negativamente) a língua portuguesa; são, igualmente, responsáveis pela criação de certas convenções linguísticas.

O *Correio da Manhã* é o jornal diário com maior tiragem em Portugal, e por isso a pressão de trabalhar num ambiente como o que se encontra na sua redacção é grande. É, provavelmente, dos poucos meios de comunicação que é lido por diferentes gerações de norte a sul e, como tal, funciona como uma boa representação do que se passa no país, do que se escreve e de como se escreve; o que os leitores entendem ou não entendem sobre aquilo que é dito. Portugal tem uma população envelhecida, com um baixo índice de alfabetização. Assim, como o diário mais vendido, existe a preocupação em ter uma escrita acessível que vá directamente ao encontro do público-alvo, tendo em conta todas as características demográficas do país.

A secção de revisão é composta por um grupo relativamente pequeno e trabalha em cooperação com todas as outras áreas do jornal, das quais se destacam os jornalistas, a paginação e os editores de secção. Por vezes é necessário esclarecer dúvidas de conteúdo ou resolver conflitos em relação ao grafismo das páginas, já que o espaço que cada notícia deve ocupar está previamente estabelecido de acordo com a mancha gráfica que cada página possui e com a estrutura do jornal em si.

Os primeiros tempos como revisora neste jornal foram fundamentais para apurar a capacidade de detecção de erros mais comuns e para os quais os revisores têm de estar atentos. Com o passar do tempo, o cérebro é treinado e adquire um “radar” que alerta para o tipo de situações, nas quais um revisor tem um papel preponderante.

O uso da linguagem e os modos de escrita são determinados pelo estilo. Neste caso, o estilo individual de cada jornalista acaba por definir o estilo colectivo do jornal.

Da mesma forma que o carácter individual da linguagem ajuda a compreender como se expressam certos panoramas nacionais, apreendendo assim determinadas características sociais e demográficas da população. A influência dos factores sociais no tipo de linguagem pelo qual se opta será desenvolvido numa fase mais avançada da reflexão. Para além de se caracterizar pela utilização consciente de algumas formas linguísticas, o estilo depreende-se também através de escolhas involuntárias de determinados elementos linguísticos. É neste carácter involuntário dessas escolhas, que os jornalistas optam por uma escrita pouco adequada ao padrão linguístico, o que contribui para a adopção de alguns vícios de linguagem. A equipa de revisão tem, então, como uma das tarefas mais importantes a harmonização do estilo de cada jornalista, de forma a obter uma uniformização estilística da publicação. Desta harmonização fazem também parte a regularização de construções linguísticas, de acordo com o português-padrão, e o ajuste de certas normas tipográficas que vão ajudar a uniformizar um conjunto de critérios, dando assim origem à criação de um estilo próprio do jornal. Neste sentido, seria de esperar que existisse um livro de estilo que auxiliasse no registo das uniformizações e harmonizações acima referidas, o que não acontece. De facto, ao longo do estágio e enquanto revisora, foi uma das lacunas encontradas no funcionamento geral da revisão editorial do jornal. Dado que, por vezes, o tempo é pouco para estar a pesquisar e a confirmar dúvidas estilísticas é de salientar a importância que teria a criação do livro supracitado.

No *Correio da Manhã*, parte substancial do trabalho é feito em suporte digital. O programa utilizado pela redacção é o Milenium Editor, usado em outros jornais e revistas de grande tiragem. Este programa projecta a composição gráfica do jornal e é nas maquetes das páginas aí apresentadas, que se escrevem e se editam as peças jornalísticas. Funciona como um elemento que liga a redacção entre si, e facilita a comunicação entre os jornalistas, os revisores e os paginadores.

É frequente muitas pessoas pensarem que o trabalho de um revisor é desnecessário, já que a tecnologia se encarregou da criação de diversos correctores automáticos que detectam erros ortográficos (com variadas excepções), e a internet disponibiliza um número praticamente infidável de *sites*, onde facilmente se pode ver esclarecida qualquer dúvida.

“Na década de 1990, houve a popularização da internet e, juntamente com ela, veio a velocidade da informação. Com isso, aumentou ainda mais a necessidade das correções textuais. Todavia, muitos responsáveis por preparações de textos pensaram o contrário. Com a chegada da informática, muitos jornais e editoras reduziram ou eliminaram as equipes de revisores, trocaram-nas por corretores ortográficos automáticos.”<sup>3</sup>

Por vezes os textos não são relidos pelos emissores da mensagem (neste caso os jornalistas), seja por desinteresse ou por falta de tempo. Ao escrever, as ideias são desenvolvidas de modo natural, o que faz com que os textos precisem de ser revistos. Há situações em que é necessário adicionar ou modificar algo que não está correcto e que pode comprometer a qualidade do texto ou a sua compreensão. Com efeito, a importância de uma equipa de revisão numa publicação como esta, não pode ser descurada. O papel de um revisor não deve ser equiparado ao de um corrector de palavras automático, porque as suas tarefas não se limitam a estar apenas atento à gramática e à ortografia. No anexo A é possível observar um tipo de erro que um corrector automático não detecta como uma forma incorrecta, já que se trata de um elemento com dupla significação. No exemplo, a preposição “à” foi substituída pelo verbo haver conjugado no Imperativo Afirmativo (ver Anexo A). Esta é uma das situações que contribui para afirmar que o papel de um revisor não deve ser subestimado.

Neste jornal em particular, a equipa de revisão é alertada para incoerências textuais, como por exemplo, o nome da mesma pessoa aparecer de formas diferentes no mesmo texto, ou não corresponder ao nome que consta nas legendas das fotos que ilustram o mesmo; é necessário prestar uma atenção especial às repetições, e neste aspecto a direcção do jornal exige um maior cuidado por parte da equipa de revisão (as repetições devem ser evitadas, não só a nível do corpo da notícia, mas também dos *leads* e dos títulos); como se trata de um jornal generalista que chega à maior parte da população, não é dada uma importância exagerada ao carácter estético das peças, mas a equipa de revisão tem de seguir alguns padrões editoriais, por exemplo: quando surge o termo “protestantes” relacionado com qualquer acto de manifestação, os

---

<sup>3</sup> Augusto de Oliveira Passos e Maria Lino dos Santos, Leituras, revisão textual e o revisor. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação); Universidade Estadual de Goiás – Anapólis, s.d., p.10

revisores têm de optar antes pelo termo “manifestantes”, pois o primeiro tem duplo significado e pode remeter para um universo religioso e ferir algumas susceptibilidades. Este é outro exemplo onde se demonstra, mais uma vez, que a revisão não pode depender apenas de correctores automáticos, dado que existem situações minuciosas onde é essencial que a inteligência humana interfira.

Apesar de ser considerado um jornal sensacionalista, o *Correio da Manhã* é um modelo no universo dos meios de comunicação social portugueses. Assim, é fundamental que as notícias sejam de fácil compreensão, na medida em que têm de ser acessíveis à maioria dos leitores, independentemente da complexidade do tema abordado. No auxílio às tarefas de revisão, e para além do corrector automático já mencionado, é importante tirar algum partido (dependendo do tempo disponível) de ferramentas que fixam os cânones linguísticos, ou que servem de legitimização de práticas profissionais. Fazem parte desses recursos o Portal da Língua Portuguesa, o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa e o *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Depois da revisão em formato digital, e à semelhança do que sucede em várias editoras literárias, procede-se a uma revisão de provas finais (em papel), folhas impressas em formato A3 que apresentam a forma e a mancha gráfica originais das páginas do jornal.

#### A entrada em vigor do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa resultou de um projecto de unificação da língua, aprovado em Outubro de 1990 pela Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe<sup>4</sup>.

Apesar de ter sido assinado há cerca de 23 anos, o acordo entrou, oficialmente, em vigor a 1 de Janeiro de 2013. Todos os documentos oficiais devem ser redigidos segundo as novas regras do português “unificado”, assim como deve ser adoptado por todos os órgãos de comunicação social e manuais escolares oficializados pelo Ministério da Educação.

---

<sup>4</sup> Texto oficial do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, disponível em: <http://www.priberam.pt/docs/AcOrtog90.pdf>

O *Correio da Manhã* adoptou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no dia 3 de Janeiro de 2013. Ainda em 2012, durante o mês de Dezembro, ocorreu uma formação, específica para a equipa de revisão, no sentido de ajudar a compreender o que mudaria e o que se manteria com este novo (des)Acordo Ortográfico. Foram quatro dias de formação, nos quais foi dada a conhecer a evolução da história oficial do documento, assim como as bases sobre as quais ele foi redigido. Dentro do jornal foi criado um conjunto de regras próprias relativas às novas mudanças (ver Anexo B).

A adaptação da equipa de revisão a esta mudança foi feita de uma forma relativamente fácil e pacífica. O site FLIP – Ferramentas para a Língua Portuguesa disponibilizou um programa informático que, em conjunto com o corrector automático do Millenium Editor, facilitou a tarefa de rever durante o período de ambientação às novas alterações. Os jornalistas demonstraram estar também estar atentos a este novo paradigma, e grande parte dos problemas que surgiam verificavam-se no uso de letras maiúsculas e minúsculas, já que uma das bases do acordo estipula que deixa de ser necessário usar letras maiúsculas nos meses, nos dias da semana e nas estações do ano. Todos os jornalistas “da casa” são obrigados a escrever segundo as regras do novo acordo, ficando de fora os colaboradores externos como, por exemplo, figuras públicas convidadas para as crónicas semanais, que optam por manter a grafia antiga do português.

### 3. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Para esta reflexão, vai ser considerado o conceito de língua como um fenómeno social e cultural que estabelece uma relação directa com a sociedade, exercendo uma forte influência sobre esta e vice-versa. Assim, será possível verificar que a linguagem possui um carácter fortemente ligado à estruturação social e aos valores da sociedade.

Antes de mais, o estilo e o discurso são dois aspectos fundamentais a ter em conta e, como tal, é importante defini-los correctamente. De acordo com a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, o que se considera discurso irá depender do ideal linguístico que existe em cada indivíduo. A partir desse ideal cada pessoa irá procurar “extrair” da língua “as formas de enunciado que melhor exprimam o gosto e o pensamento”<sup>5</sup>. É dessa escolha “entre os diversos meios de expressão”, oferecidos pelo vasto repertório linguístico, que provém aquilo que se considera o estilo. Esta concepção de estilo permite observar o “aspecto e a qualidade” que resultam do processo de escolha mencionado anteriormente.

Ao longo de 20 anos, os sistemas idiomáticos têm vindo a ser consideravelmente relacionados com diversos factores sociais. A língua funciona, então, como uma ferramenta de comunicação, que se pode moldar consoante a diversificação desses factores que a caracterizam. Os *media* apresentam-se como os grandes responsáveis pela difusão não só de hábitos culturais, mas também de hábitos linguísticos. Os vícios de linguagem invadem a estrutura semântica da língua e acabam por permanecer nela, “vencendo pelo cansaço”. Considerados como desvios às normas gramaticais de uma língua, estes “defeitos” na linguagem são lugares comuns ou hábitos linguísticos que têm como função facilitar o desenrolar do raciocínio e a sua conversão em discurso oral ou escrito. Parte essencial destes costumes linguísticos é composta por expressões fixadas, normalmente por convenção, particulares a cada língua e cuja significação não é deduzida a partir das palavras que as formam. Segundo Napoleão Mendes de Almeida, na maioria das situações, estas expressões acabam por ser utilizadas por vários motivos, de entre os quais se evidenciam o descuido da pessoa

---

<sup>5</sup> Celso Cunha e Lindley Cintra. *A Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, 2005, p. 1.

que emite a mensagem e o desconhecimento das normas “cultas” por parte da mesma<sup>6</sup>.

Numa redacção como a do *Correio da Manhã*, a pressão é constante e anda de braço dado com a necessidade de redigir notícias de forma clara, correcta e concisa. Dentro destes parâmetros acaba por ser difícil atingir a perfeição gramatical e semântica das peças jornalísticas, bem como utilizar sempre linguagem acessível aos leitores comuns. Esta acessibilidade apresenta-se como um dos objectivos essenciais deste jornal. Como se trata de um jornal generalista, lido pela maioria da população, a tarefa de escrever torna-se (aparentemente) mais fácil porque não existe uma necessidade imprescindível de elegância estilística.

Por mais objectiva e imparcial que a escrita jornalística possa ser, existe nela uma componente de subjectividade (variando de jornalista para jornalista). Celso Cunha e Lindley Cintra defendem que “as variedades linguísticas estão relacionadas com sistemas que dependem das necessidades dos utilizadores”<sup>7</sup>, o que abre espaço ao recurso a certas construções, por vezes agramaticais, que acabam por ser adoptadas e adquirem o “estatuto” de vícios da língua. Antes de proceder à análise de alguns exemplos recolhidos ao longo do período de estágio, é importante introduzir vários conceitos fundamentais para compreender algumas questões ligadas a estes processos linguísticos. Não serão referidos todos os vícios de linguagem que existem, mas apenas aqueles que se adaptam aos casos retirados e analisados do *Correio da Manhã*. Muitas vezes os vícios de linguagem são confundidos com figuras de linguagem, já que ambos representam desvios da norma culta da língua portuguesa, e cujo objectivo é atingirem um maior nível de expressividade. Os vícios de linguagem verificam-se em níveis diferentes da língua: morfologia e semântica. A generalidade destas construções tem origem na tradição oral, ainda que seja cada vez mais frequente adoptá-las também na escrita.

É a partir destes “hábitos” da língua que surgem alguns dos erros<sup>8</sup> de português mais comuns, cuja utilização se torna bastante frequente no dia-a-dia de uma comunidade. Estas imperfeições linguísticas são justificadas pela teoria segundo a qual

---

<sup>6</sup> Napoleão Mendes de Almeida. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 1979, p.506.

<sup>7</sup> Celso Cunha e Lindley Cintra. *A Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, 2005, p. 3.

<sup>8</sup> Consideram-se formas erróneas, tendo em conta uma perspectiva conservadorista do panorama linguístico.

é estabelecida a união da forma com o pensamento, o que acaba por não corresponder à realidade, pois não tem, obrigatoriamente, de traduzir-se o pensamento imediato no modo de escrever ou de falar. É necessário um tempo de reflexão para que a escrita não seja precipitada e para que o resultado demonstre que existiu um certo cuidado no momento de passar a mensagem. No que diz respeito a um jornal diário, não existe margem temporal que permita esse período de reflexão.

O conceituado linguista dinamarquês, Otto Jespersen, cita Anders Flodström para considerar que a melhor forma de falar (para esta reflexão considere-se também como forma de escrever) é a que “reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade”<sup>9</sup>. Para conseguir alcançar uma escrita de fácil compreensão, é preciso que exista por parte dos jornalistas não só um domínio gramatical e semântico da língua, mas também uma dose generosa de bom senso. Como tal, os juízos sobre o que está certo ou errado devem ser levados em conta sob as perspectivas de adequação e de intenção: a linguagem tem de ser adequada e isto irá depender, muito, da situação em que está a ser utilizada, do que nela se descreve e do bom senso da pessoa que a utiliza. Esta relação de dependência causa diversas falhas que podem comprometer a estrutura linguística do português, e pode deixar algo a desejar relativamente ao conhecimento da língua por parte do emissor da mensagem.

Dos vários vícios de linguagem existentes, tanto na escrita como na oralidade, destacam-se os que vão ser descritos nas páginas seguintes. Este conjunto tem como base os exemplos recolhidos do próprio jornal e também o trabalho diário realizado ao longo de três meses. As imagens apresentadas representam uma amostra destes fenómenos linguísticos que surgem com maior frequência e serão acompanhadas de uma análise fundamentada no trabalho de revisão, em conjunto com as decisões editoriais tomadas perante as mesmas.

---

<sup>9</sup> Citado por Otto Jespersen. *Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico*, trad. Por Fernando Vela. Buenos Aires, Revista de Occidente, 1947, p. 113 e 114.

### 3. 1. Idiotismos

A palavra idiotismo provém do latim *idiotismus*, um termo de origem grega que significa linguagem comum ou vulgar. São elementos que não coincidem com o sentido literal e usual das palavras que os constituem, e têm um sentido figurado que acaba por ser adoptado de forma convencional. É costume dizer-se que “vencem pelo cansaço”. As expressões e os termos que fazem parte deste grupo de vícios de linguagem, apesar de possuírem um sentido literal, usam-se normalmente para transmitir outra ideia ou outro pensamento. Estas construções linguísticas podem, ou não, ter origem estrangeira, mais propriamente em traduções incorrectas de expressões idiomáticas de outras línguas.

#### 3.1.1. Exemplo 1 – “Colocar-se em fuga”

de um Mégane e **colocaram-se em fuga**. A Investigação Criminal da PSP investiga. ■ A.S.C./I.G.

do automóvel **colocou-se imediatamente em fuga**, e **nem se-**

Hoje em dia, na imprensa escrita é costume a expressão “colocar-se em fuga” ser usada de forma exagerada. Isto deve-se ao facto de alguns jornalistas considerarem que o verbo fugir pode remeter para um contexto demasiado vulgar; por vezes, deve-se também a questões relacionadas com o espaço (pré-estabelecido) que a notícia vai ocupar na mancha gráfica da página e, como tal, usam a expressão para aumentar o número de palavras. Com efeito, existe, cada vez mais, a tendência para alterar construções que estão correctas (por exemplo “o ladrão fugiu”) e adoptar certas normas com o objectivo de alcançar um registo mais formal. Esta é uma situação que acaba por depender do emissor da mensagem e da comunidade da língua (que recebe essa mensagem). A expressão não está propriamente incorrecta, mas considera-se desnecessária e evitável. O *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* aceita a construção “pôr-se em fuga” e, muitas vezes, o verbo colocar é utilizado como sinónimo do verbo pôr, resultando assim na expressão errónea “colocar-se em fuga”. As duas construções

pertencem ao universo das expressões idiomáticas do português e são as que ocorrem em maior número.

### 3.1.2. Exemplo 2 – “Ter lugar”

10h54, no centro desta localidade. Ao que o CM apurou, o sinistro teve lugar numa reta, não tendo o condutor do automóvel e o ciclista conseguido evitar a colisão. ¶  
Enquanto o automobilista

Caso teve lugar na UTAD, no final do mês de fevereiro

A propósito desta expressão, António Matos Faria Artur escreve, na sua obra *Barbarismos na Linguagem*, um interessante poema<sup>10</sup> que explica de forma irónica, e com uma dose de humor, o porquê desta construção ser sistematicamente utilizada de modo incorrecto. Os acontecimentos não têm lugar, eles ocorrem ou acontecem. A expressão “ter lugar” possui outro significado, como é possível perceber pelo poema em anexo, mas é frequentemente utilizada em contextos inadequados (exemplo 2) por força da convenção. Está considerada errada, quando se usa esta construção para expressar algo que ocorre, que acontece, ou que se realiza. Assim, a forma aceitável seria, simplesmente, dizer que o acidente ocorreu ou aconteceu.

### 3.1.3. Exemplo 3 – “Semear o terror” ou “semear ou pânico”

**D**urante mais de um ano semearam o terror no Minho e Grande Porto, sobretudo nas zonas onde residem os seis elementos do gang

**D**ois estudantes, de 18 e 19 anos, semearam o pânico na madrugada de ontem,

<sup>10</sup> Ver Anexo C.

Num sentido literal, o verbo semear remete para outro significado normalmente associado aos contextos de agricultura, ou de plantas. No entanto, convencionou-se que uma das várias definições de “semear” poderia ser equivalente a “causar” e é nesse sentido que o verbo é usado neste exemplo. Salienta-se que, de igual modo, em sentido figurado o verbo do exemplo tem como um dos seus sinónimos “espalhar”, o que também acaba por fazer com que esta construção faça sentido e seja aceite.

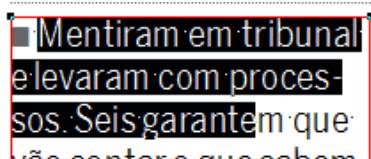
#### 3.1.4. Exemplo 4 – “Lançam terror e ‘limpam’ cofre”



**Lançam terror e ‘limpam’ cofre**  
■ Dois homens armados invadi-

O verbo limpar é usado, neste exemplo, com um sentido figurativo, pois está a referir-se ao acto de roubar e não à acção de limpar para tirar qualquer tipo de “sujidade”. Na verdade, este verbo não precisaria de ser colocado entre aspas simples, pois entre as suas definições, segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, encontra-se o conceito de furtar. No entanto é usado, na maior parte das vezes, com o segundo sentido que foi referido no início desta análise, e como se trata de um objecto que de facto pode ser limpo, nos dois significados da palavra mencionados, utilizam-se as aspas para que se faça a distinção entre um e o outro.

#### 3.1.5. Exemplo 5 – “Levar com processos”



■ Mentiram em tribunal  
e levaram com proces-  
sos. Seis garantem que

De acordo com o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, o verbo levar pode ter treze definições e nenhuma delas se enquadra num contexto de processos judiciais. “Levar algo connosco” quando abandonamos determinado local ou “levar” que pode remeter, na gíria popular, para comportamentos violentos, são os usos mais comuns

deste verbo. Quando se trata de processos em tribunais, o mais correcto será utilizar o verbo ser como auxiliar ou o verbo incorrer.

Exemplos: Eles foram processados. / Eles incorreram num processo.

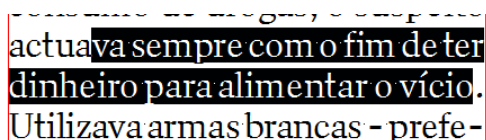
Obs.: “Levar” ou “apanhar” com processos são expressões usadas de forma incorrecta, mas que acabam por “vencer pelo cansaço” e foram já adoptadas porque assim se convecionou, num registo mais informal da linguagem.

### 3.1.6. Exemplo 6 – “Irmãos à pancada”



Uma das questões mais importantes quando se fala em linguagem escrita ou falada é a questão da adequação, que depende muito do contexto no qual a mensagem está a ser transmitida. No caso deste exemplo, a expressão “à pancada” não está incorrecta, mas não é adequada e, por isso, causa alguma estranheza aos leitores mais atentos às problemáticas do discurso linguístico. No entanto, ao analisar este caso é preciso ter em conta o estilo coloquial que aproxima o jornal, do leitor comum e nesse sentido deixou-se passar o título construído desta forma. A problemática do espaço na mancha gráfica, que estava já definido à partida, diminui o número de hipóteses viáveis que reformulem o que está dito e que num só título refiram tudo o que é importante para a compreensão da notícia: as agressões, quem as protagonizou e em que contexto tudo aconteceu.

### 3.1.7 Exemplo 7 – “Alimentar o vício”

A screenshot of a newspaper article snippet. The text is "actuava sempre com o fim de ter dinheiro para alimentar o vício. Utilizava armas brancas - prefe-". The first sentence is highlighted in black.

A origem latina da palavra vício diz respeito a um defeito ou a uma falha, mas, actualmente, um vício pode ser um hábito bom, sem ter de ser associado a uma componente negativa, o que não se verifica no caso desta notícia. Esta palavra faz

parte da família de substantivos abstractos, e elementos como estes não têm a necessidade básica de ser alimentados, na acepção original da palavra. É uma expressão figurada que foi adoptada pelo registo informal, e que acabou por permanecer (outro caso que “venceu pelo cansaço”). Neste exemplo transmite a ideia de um hábito que é mantido (consumo de drogas).

### 3.1.8. Exemplo 8 – “Estar morto por...”

## **“Estavam mortos por me ver sair”**

Esta é uma expressão de cariz popular que significa “ter vontade” ou “estar ansioso” que algo aconteça. É usada num sentido figurado, já que as pessoas, na realidade, não cessam de existir. Este título passou na revisão porque faz parte de uma transcrição oral de um testemunho e, como tal, não pode sofrer alterações. Como se trata de uma citação não se aplica a teoria do desconhecimento das normas linguísticas por parte do jornalista, visto que apenas se limitou a transcrever.

### 3.1.9. Exemplo 9 – “Entrar em despiste”

Um homem, de 24 anos, ficou ferido após o carro em que seguia entrar em despiste. O acidente aconteceu ontem na rua D. Teresa, em

Neste exemplo, o uso do verbo entrar como auxiliar não se justifica, uma vez que através da forma nominal “despiste” (derivação regressiva do verbo despistar) já é possível expressar o que se pretende. Deste modo, a forma mais correcta seria apenas “após o carro em que seguia se despistar”, transmitindo assim através da forma simples do verbo, no infinitivo, o sucedido. Contudo, é frequente ler e ouvir esta expressão no universo dos *media*, visto que ela não está errada: está convencionalizado que “entrar” pode ser um sinónimo de “começar” e foi dentro dessa ideia que o termo foi usado nesta expressão.

### 3.1.10 Exemplo 10 – “Pegar no carro”

mesma noite e em apenas três horas, homem foi apanhado pela PSP duas  
s a conduzir embriagado. Ignorou aviso de que não podia **pegar no carro**

Esta é outra construção que é muito usada na linguagem comum, mas que, considerando o seu sentido literal, não está correctamente construída. “Pegar” significa agarrar/segurar, ou a transmissão de alguma doença por contágio. O que aqui se pretendia era afirmar que o sujeito estava proibido de conduzir o veículo. Para evitar a repetição do verbo conduzir (usado na oração anterior), e também por questões relacionadas com a mancha gráfica, optou-se por manter a expressão, ainda que esteja incorrecta. Talvez seja, humanamente, impossível o indivíduo em questão pegar literalmente no carro, como quem pega num qualquer objecto de pequenas dimensões.

### 3.2. Preciosismos

O fenómeno do preciosismo ocorre quando os emissores da mensagem, neste caso os jornalistas, tentam atingir um “requisite” exacerbado na escrita, ao empregar palavras que não são usuais na linguagem corrente como, por exemplo, expressões ou termos que caíram no esquecimento, tornando assim os textos ininteligíveis para o leitor comum e levando, por vezes, o registo dos mesmos ao ridículo. No caso do *Correio da Manhã*, este fenómeno linguístico não acontece com o objectivo de aprimorar as peças jornalísticas, já que o que se pretende é manter a proximidade com a maioria dos leitores e não adoptar um estilo de escrita que os distancie. O que acontece é que, por vezes, é exigido pela direcção que se evitem demasiadas repetições, e há temáticas nas quais isso se torna uma tarefa complicada, o que faz com que o jornalista recorra a termos que são menos conhecidos ou menos usados na linguagem comum. Seguem-se alguns exemplos de preciosismos que surgem com maior frequência no jornal.

### 3.2.1 Exemplo 1 – “Larápios”

ra do Douro. Os larápios terão levado 320 litros de combustível.¶

O *Correio da Manhã* é conhecido pela sua componente de publicação de notícias cujas temáticas rondam vários tipos de criminalidade. É frequente numa peça que relata um assalto existirem inúmeras vezes repetidas palavras como: “assaltantes” e “ladrões”. Neste caso, o jornalista optou por escolher o termo “larápios” que, apesar de ser familiar à maior parte dos leitores por ser um termo de origem popular, constitui um elemento que caiu em desuso. No entanto, é frequente encontrá-lo em muitas notícias deste género.

### 3.2.2 Exemplo 2 – “O causídico”

Receávamos uma pena **acima dos dez anos**, admitiu o **causídico**.¶

Neste exemplo, a notícia reporta um processo judicial onde o termo advogado surge com demasiada frequência. O autor do texto optou pelo termo observado no exemplo que foi mantido, ainda que não seja conhecido do público em geral, como o é a palavra advogado. “Causídico” trata-se então de um preciosismo, sinónimo de advogado. Ainda que não tenha caído em desuso, é uma construção que se usa maioritariamente no meio específico da jurisdição.

### 3.2.3 Exemplo 3 – “Uma alteração”

versário da discoteca. Contactado pelo CM, o gerente do Capítulo V, Rui Caralinda, esclareceu que tudo começou com “**uma alteração**, por razões desconhecidas, entre dois grupos de clientes”. “Tentámos por fim à

Numa primeira leitura pode cair-se no erro de corrigir esta palavra para “alteração”. Mas depois de uma pesquisa num dicionário, verifica-se que o vocábulo de facto existe e significa uma espécie de disputa. É um termo que não se usa no dia-a-dia e pode não ser reconhecido por todos os leitores. Ao utilizá-lo, o emissor da mensagem (que neste caso não é o jornalista) pretendia abrilhantar o discurso na hora de prestar o seu depoimento a um órgão de comunicação social. Em termos de revisão, e tendo em conta que uma das tarefas é tornar o texto mais claro, não foi possível alterar esta palavra e substituí-la por qualquer outro sinónimo mais simples, já que se tratava de uma transcrição de um testemunho oral.

#### 3.2.4 Exemplo 4 – “Arma municada”

cupou os artigos, apreen-  
dendo ainda a arma, que não  
estava municada. ■ S.P.C.

O vocábulo em causa está correctamente utilizado, ainda que o termo não seja familiar a todos os leitores. Quando nos referimos a armas, é mais frequente a expressão “arma carregada” e não “arma minuciada”. Contudo, o termo tem exactamente o mesmo significado: abastecer uma arma de munições.

#### 3.2.5 Exemplo 5 – “O trolha”

violada pela primeira vez aos  
doze anos. O arguido, trolha,  
está preso, enunca recebeu visi-  
tas de familiares. ■ M.P.

O termo “trolha” apresenta-se com o seu sentido literal. Neste caso refere um indivíduo que tem a profissão de pedreiro, o que acaba por estar correcto, já que um dos seus significados é esse mesmo. No entanto, hoje em dia, esta palavra faz parte da gíria popular, e adquiriu um carácter depreciativo para designar uma pessoa sem importância ou sem utilidade. Continua ainda a referir-se a trabalhadores da construção civil, mas também de forma depreciativa. Numa peça jornalística causa alguma estranheza utilizar este termo, porque existirá sempre uma tendência para

associá-lo a esse contexto demasiado popular. No processo de revisão alterou-se para o termo pedreiro.

### 3.3. Gerundismo

O Gerúndio define acções que estão a acontecer, ou que acontecem ao mesmo tempo. O gerundismo é um fenómeno linguístico caracterizado pelo uso exagerado do tempo verbal descrito. Esta prática aproxima o português de Portugal do português falado no Brasil, já que o recurso ao Gerúndio é mais comum neste último. No entanto, pensa-se que a fixação por este tempo verbal pode resultar de traduções literais, ou más traduções de determinadas expressões da língua inglesa: traduções que foram produzidas sem ter em atenção os elementos sintáticos e semânticos originais. Em grande parte das situações existem outros tempos verbais mais adequados do que o Gerúndio desnecessário que, por vezes, se insurge contra a sintaxe original do português falado em Portugal, na qual se substitui o Gerúndio pelo Infinitivo, ou pelo Pretérito Imperfeito quando se pretende descrever uma acção ao mesmo tempo do que outra. Nos exemplos que são apresentados, o recurso ao Gerúndio era escusado, e isto acontece com a maior parte dos casos semelhantes a este, que surgem de modo assíduo. Ao passar pela revisão, estas duas situações foram substituídas por construções que respeitam as normas da gramática da língua portuguesa, assim como acontece com a uma boa percentagem de casos semelhantes

cionária de serviço. Na altura, a vítima mexia num envelope contendo dinheiro, que teve de imediato de entregar ao ladrão.

fugiu a pé. O gerente da loja libertou a empregada, tendo a PJ sido chamada a investigar. ■ M.C.

*Exemplo à esquerda:* “Na altura a vítima mexia num envelope que continha dinheiro...”.

*Exemplo à direita:* “O gerente da loja libertou a empregada, e a PJ foi chamada a investigar.”

### 3.4. Barbarismos – cacografias e silabadas

É a partir deste processo linguístico que se dá sentido a termos ou expressões que não o têm originalmente, por influência de outras línguas. No entanto, os barbarismos também podem englobar o emprego de elementos estranhos a uma língua, sem que estes tenham necessariamente origem estrangeira. Considera-se um vício de linguagem quando essas palavras (ou expressões) são utilizadas na vez das que possuem origem vernácula, devido ao desprezo ou a desconhecimento das últimas. As construções linguísticas que caracterizam os barbarismos também podem ser consideradas figuras de estilo, quando os vocábulos ou expressões de origem estrangeira são utilizados de forma consciente, para alcançar determinados propósitos estéticos num texto, ou num discurso oral. No contexto que é tratado neste trabalho, este fenómeno constitui um desvio da norma linguística do português, que pode ocorrer nos níveis de semântica, de pronúncia e de morfologia. Nos casos observados, verificou-se que grande parte dos barbarismos acontece na pronúncia (escrita), fenómeno que é designado por Cacografia e que, por sua vez, consiste em cometer erros na grafia ou na flexão das palavras.

#### 3.4.1 Exemplo 1 - “Desilibrou-se”

numel, ao poço que tinha no quintal de sua casa. Quando o casal tentou sair do poço, o homem desilibrou-se, caiu e morreu. Os Bombeiros Velhos de Aveiro, com auxílio de

#### 3.4.2 Exemplo 2 – “Supresa”

mas em riste, apanhando de su-  
presa os dez funcionários do es-

A palavra do exemplo 1 tem origem na junção do prefixo des- com o substantivo masculino “equilíbrio” e, como tal, a forma correcta de escrevê-la é “desequilíbrio”. Este procedimento funciona de igual modo quando se trata do verbo desequilibrar, como é a situação que se observa no exemplo. O que acontece neste caso é que a maioria dos falantes da língua pronunciam oralmente o termo de forma

incorrecta, e isso resulta na tendência para escrever a palavra como a dizem ou como a ouvem. O exemplo 2 é resultado do procedimento referido anteriormente. Ainda no âmbito da pronúncia de palavras, observaram-se também alguns casos de Silabada, ou seja, barbarismos que ocorrem quando se desloca, de forma incorrecta, o acento prosódico de uma palavra. As imagens que se seguem são exemplos que demonstram algumas ocorrências deste desvio no dia a dia do *Correio da Manhã*.

Logo após o assalto, a GNR lançou um alerta – **inclusivé** às áreas patrulhadas da PSP – tentando interceptar os as-

vier, tendo em conta os cortes aplicados ao setor, bem como a forma “e **metódo**” de alguns concursos já feitos em 2013.

Ainda nos barbarismos e como já foi atrás mencionado, não só neste jornal mas na generalidade dos meios de comunicação social, é hábito recorrer-se, de forma exagerada, a palavras e expressões de outras línguas para designar termos de áreas como o Desporto, a Economia, a Tecnologia e a Ciência. Este facto acontece devido à grande influência que essas línguas estrangeiras exerceram sobre o desenvolvimento dessas áreas. Por vezes, alguns termos de origem estrangeira são facilmente substituíves por equivalentes em português e, ao contrário do que se passava há 40 anos atrás na imprensa escrita, o *Correio da Manhã* adopta os vocábulos de origem estrangeira, mas tenta aproximá-los desses seus equivalentes. Apresentam-se abaixo alguns exemplos:

**Gang** assalta café e farmácia

OS MEUS HÓBIS		<p><b>Gonçalo Sousa Uva</b></p> <p>Afirma que o tempo livre é dedicado ao desporto. “Adoro experimentar novas modalidades”, garante. Ler e escrever são outros hóbis que valoriza, tal como cozinhar e fazer experiências com novas receitas.</p>
---------------	---	---

Obs: *Gang* é um estrangeirismo desnecessário, proveniente do inglês, que poderia ser substituído pelo neologismo “gangue”, mas torna-se útil para resolver situações de limitação de espaço e, de maneira a manter a coerência, acaba por ser adoptada como forma correcta definitiva para todo o jornal. No caso da palavra *hobby* oriunda também da língua inglesa, adopta-se o neologismo português “hóbi”. Um aspecto curioso demonstra ser a palavra *blog*, também com origem no inglês, que é

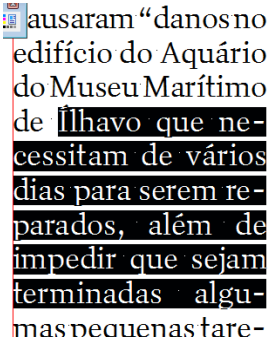
semelhante à palavra *gang*, mas as opções editoriais optam por que a primeira passe pelo processo de “aportuguesamento”, passando a escrever-se “blogue”.

### 3.5. Solecismos

Os desvios que são cometidos relativamente à sintaxe da língua designam-se por solecismos. Estes “defeitos” são considerados delitos contra as normas cultas de regência, de colocação pronominal ou de concordância do português-padrão. No *Correio da Manhã* os que surgem em maior número são os solecismos nos níveis de regência e de concordância. Alguns destes casos resultam, muitas vezes, de falta de atenção e provêm, maioritariamente, de hábitos adquiridos a partir do discurso oral.

#### 3.5.1 Solecismos de concordância

##### *Exemplo 1*

causaram “danos no edifício do Aquário do Museu Marítimo de Ilhavo que necessitam de vários dias para serem reparados, além de impedir que sejam terminadas algumas das tare-

No exemplo 1 o verbo impedir tem de concordar com o sujeito da frase que, neste caso, surge no plural. Assim, a forma correcta depois de revisto passou a ser a conjugação do verbo, em questão, na terceira pessoa do plural do Infinitivo, ou seja, “impedirem”, tal como se verifica com o verbo poder que é usado anteriormente na frase apresentada.

## Exemplo 2

As famílias mais carenciadas do concelho de Águeda podem, até ao dia 22 de fevereiro, candidatar-se à atribuição de parcelas de terreno, destinadas à criação de hortas. O projeto, desenvolvido pela autarquia e

No exemplo 2 apresenta-se uma situação semelhante, onde o verbo candidatar encontra-se conjugado de forma errada. Além de estar no pretérito perfeito, o que não corresponde à situação dado que é algo que ainda não aconteceu, está a ser conjugado de acordo com o sujeito da frase.

### 3.5.2. Solecismos de regência

As situações mais frequentes ocorrem nos casos de preposições indevidamente colocadas, como demonstram os exemplos. É dos desvios linguísticos que aparecem com maior frequência em todos os *media*.

#### Exemplo 1

Como funcionários da Segurança Social tinham fugido com o cordão em ouro que ela própria lhes passou para as mãos, em

drões fugiram com as carteiras, com 100 euros e peças em ouro que estavam atrás do banco. O

Este é um dos maiores desvios praticados por praticamente todos os órgãos de comunicação, quer sejam *media* audiovisuais ou a imprensa escrita. Construções como estas consideram-se incorrectas perante a corrente as normas conservadoras da língua portuguesa, mas estão constantemente a ser utilizadas. Durante o período correspondente ao estágio, foi um dos elementos textuais que foi mais vezes corrigido, sendo que a forma correcta é utilizar a preposição que “une ao nome o seu complemento e estabelece a relação de matéria” (Dicionário Priberam da Língua

Portuguesa) que existe entre os elementos da frase. Assim, o correcto é dizer-se “peças de ouro” e “cordão de ouro”. A maioria dos falantes de língua portuguesa já adoptou a forma menos correcta como hábito. Os media interpretam um papel preponderante na criação deste, e de outros, hábitos linguísticos, reformulando, de certo modo, algumas das normas gramaticais do português.

## CONCLUSÃO

Antes de finalizar, algumas observações acerca do mestrado. Os seminários permitiram a aquisição de noções teóricas e práticas sobre a revisão editorial, ainda que se limitassem a um universo literário. A capacidade crítica adquirida durante esse período curricular tornou-se útil num panorama geral de edição, mas encontra algumas limitações quando é posta em prática num contexto de imprensa escrita. Ainda assim, e apesar das duas limitações o plano curricular do mestrado fornece um sólido conjunto de bases para compreender como funciona o mundo editorial em Portugal. No futuro seria interessante abordar questões de edição no âmbito dos *media* e todos os factores que ela comporta, ainda que existam características comuns aos dois universos editoriais. Considera-se, assim, importante a introdução de disciplinas na estrutura do mestrado que ofereçam formação no âmbito da revisão editorial em publicações como jornais e revistas de tiragem diária, para que este possa dotar os alunos com as capacidades necessárias a qualquer ambiente de edição, seja ele literário ou mediático.

À excepção de alguns casos de barbarismos e de solecismos, que podem resultar em construções agramaticais, todos os outros processos linguísticos que foram objecto de estudo não devem de ser interpretados como construções, obrigatoriamente, erradas. É uma problemática que pode ser analisada a partir da maior ou menor aceitação dos mesmos, que por sua vez irá depender do grau de conservadorismo de quem se depara com estes fenómenos linguísticos, e de quem os estuda.

No entanto, e considerando-se como processos que dependem de vários factores, é difícil estabelecer o que é, ou não, correcto e fundamentar o modo como essa fronteira se delimita. Adolf Noreen, um importante linguista sueco, teorizou sobre um critério de correcção denominado por “racional”, segundo o qual considera que o melhor tipo de discurso (oral ou escrito) “é o que pode ser apreendido mais exacta e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente

por aquele que fala.”<sup>11</sup>. Esta teoria faz parecer fácil o delimitar da fronteira referida anteriormente e, na verdade, é a que melhor se adequa ao tipo de análise que esta reflexão pretendeu fazer. Aplicando-a, de igual modo, à escrita, é possível considerar, através dela, que o estilo do *Correio da Manhã* é adequado, porque a sua linguagem atinge o grau de inteligibilidade que está de acordo com o público ao qual se dirige.

Durante o seu processo de evolução, é normal a língua afastar-se daquilo que era considerado a sua norma num determinado período de tempo. Esse evoluir é produzido de forma natural ou através da “introdução de neologismos, aceitação progressiva de solecismos, vocábulos de calão...”<sup>12</sup>. Os meios de comunicação representam um dos principais veículos que transportam\_ essa evolução linguística. Cabe aos gramáticos e aos especialistas em estudos da língua aceitar este processo evolutivo, não descurando a defesa da “maior pureza possível da linguagem falada e escrita...”, para que, apesar de tudo, não cesse de existir uma norma culta da língua. No entanto, é fundamental ter em conta um ponto de vista inovador que “admita várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico.<sup>13</sup>”. Assim, poderá concluir-se que os processos linguísticos tratados neste trabalho não constituem uma ameaça à estrutura da língua portuguesa, mas fazem parte da sua evolução sociolinguística.

Grande parte dos vícios de linguagem resulta de uma componente oral da língua. Essa oralidade estabelece uma forte influência no estilo e no registo do discurso jornalístico do *Correio da Manhã*, o que faz com seja o jornal generalista que mantém uma maior relação de proximidade com os leitores. O discurso coloquial e popular já faz parte do carácter desta publicação e é um dos factores que contribui para o seu nível de popularidade. É portador de uma escrita que não é definida apenas a partir de uma linguagem “popularucha”, mas também da cooperação desta com as normas convencionadas gramaticalmente.

---

<sup>11</sup> Citado por Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, 2005, p. 6.

<sup>12</sup> F. V. Peixoto da Fonseca disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/perguntas/get/274674>.

<sup>13</sup> Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, 2005, p. 7.

## BIBLIOGRAFIA

### PRIMÁRIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 28.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Saraiva, 1979

ARTUR, António Matos Faria. *Barbarismos na linguagem*. Lisboa, Ottostráfica-Limitada, 1945

BASTOS, Silva. *Estrangeirismos, erros e vícios da linguagem: colecção alfabetizada de solecismos e estrangeirismos*. Lisboa, Tip. da Empresa do Anuário Comercial, 1933

CUNHA, Celso, LINDLEY Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2005

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa. 2 volumes, Lisboa, Verbo, 2001

FRANQUELO, Ramón, ROMERO. *Frases improprias, barbarismos, solecismos y extrangeirismos de uso más frecuente en la prensa y la conversación*. Málaga, El Progreso, 1910

LOPES, Castro. *Nelogismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis: com um vocabulário neológico português*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1909

LUSA, «"Correio da Manhã" cumpre 30 anos» em:  
<http://www.publico.pt/media/noticia/correio-da-manha-cumpre-30-anos-1369744>

MIRANDA, Tiago C. P. Dos Reis, OLIVAL, Fernanda, LISBOA, João Luís, *Manual de edição: das gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa, FCSH/CHC, 2005

PASSOS, João Augusto de Oliveira; SANTOS, Maria Lino dos. *Leituras, revisão textual e o revisor*. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) – Universidade Estadual de Goiás-Anápolis, s.d.

PERES, João Andrade, MÓIA, Telmo, *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa, Caminho, 2003

PRIEGO, Miguel Ángel Pérez, *La edición de textos*. Madrid, Editorial Síntesis, 1997

SIMÕES, Augusto. *Dicionário de expressões populares*. Lisboa, Edições D. Quixote, 1993

## **SECUNDÁRIA**

*A imprensa local e regional em Portugal*. Lisboa, Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2010

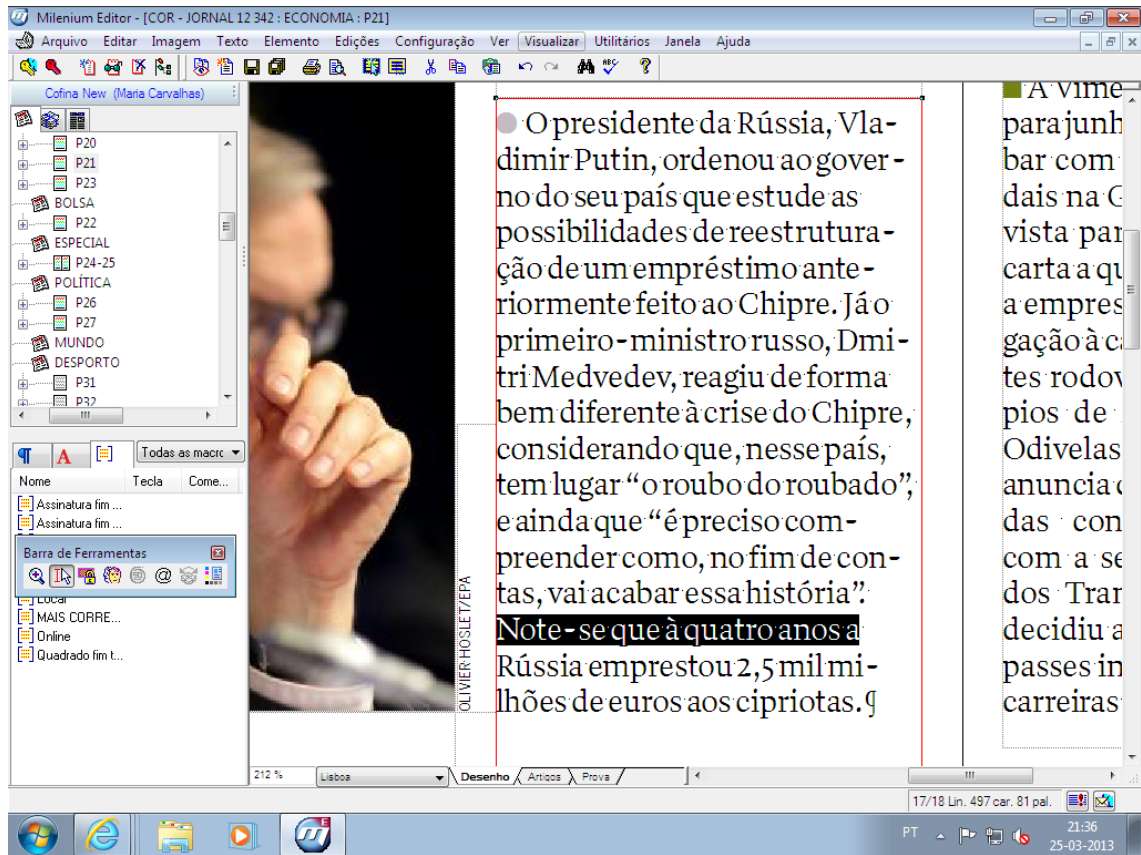
CEIA, Carlos. *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. Lisboa, Editorial Presença, 2006

CHAPARRO, Manuel Carlos, *Linguagem dos conflitos*. Coimbra, MinervaCoimbra, 2001

FURTADO, José Afonso, *Os livros e as leituras: novas ecologias da informação*. Lisboa Livros e Leituras, 2000

## ANEXOS

A



Lista das palavras de maior uso corrente que admitem dupla grafia.  
Estão assinaladas a bold as que são adotadas pelo CM

aspecto/**aspeto**

**amígdala**/amídala

**amnistia**/anistia

**aritmética**/arimética

assumpção/**assunção**

cacto/**cato**

caracteres/**carateres**

**ceptro**/cetro

concepção/**conceção**

**corrupto**/corruto

**dicção**/dição

**espectador**/espetador

**facto**/fato

**indemnizar**/indenizar

**omnipotente**/onipotente

recepção/**receção**

sector/**setor**

**súbdito**/súbdito

**subtil**/sutil

**sumptuoso**/suntuoso

**sumptuosidade**/suntuosidade

peremptório/**perentório**

E ainda:

1 - Levam acento agudo ou circunflexo as palavras proparoxítonas (esdrúxulas) cujas vogais tónicas grafadas **e** ou **o** estão no final de sílaba e são seguidas das consoantes **m** ou **n**. O CM adopta neste caso a norma portuguesa. Exemplos mais comuns:

**académico**/acadêmico

**anatómico**/anatômico

**António**/Antônio

**Amazónia**/Amazônia

**blasfémia**/basflêmia

**cénico**/cênico

**cómodo**/cômodo

fêmea/**fêmea**

**fenómeno**/fenômeno

**gémeo**/gêmeo

**génio**/gênio

**género**/gênero

**ténue**/tênue

**topónimo**/topônimo

2 - É facultativo o acento agudo nas formas verbais do pretérito perfeito do indicativo. **O CM adota o acento** para distinguir o pretérito perfeito do indicativo (por ex. andámos) do presente do indicativo (por ex. andamos).

C

Ter Lugar

Comecemos: Ter lugar  
é hoje muito vulgar  
ver em livros e jornais  
na acepção de efectivar-se,  
fazer-se, realizar-se  
e outras expressões que tais.

Pois é êrro, amigos, vêem?  
Ter lugar, se bem me crêem,  
empregado em tal sentido,  
é autêntico francês  
e do nosso português  
tempo é já de ser banido.

Ter lugar é ter assento,  
ter espaço, cabimento,  
como aquêles que vossências  
são capazes de me dar  
à mesa, para jantar,  
em todas as emergências.